

Sarney volta a negar "choque", "pacote" e demissão de ministros

por Antônio Costa Filho
de La Paz

O presidente José Sarney disse ontem, em La Paz, pouco antes de encerrar uma visita de quatro dias à Bolívia, que o governo brasileiro não deseja executar nenhum choque na economia, nem está pensando em baixar algum "pacote". "Nós temos uma diretriz e, se acreditamos que essa diretriz está correta, vamos continuar a perseguir-la", afirmou o presidente durante uma entrevista a jornalistas brasileiros presentes na Bolívia.

Sarney também descartou mudanças no comando dos ministérios da Fazenda e do Planejamento, conforme rumores correntes entre políticos e empresários no Brasil. O presidente disse que quem estiver apostando na queda de Mailson Ferreira da Nóbrega, ministro da Fazenda, "vai perder na certa". E acrescentou: "Estamos prestigiando, ajudando e fortificando ao máximo a ação do ministro Mailson e também do ministro Abreu (do Planejamento)".

Perguntado se os resultados do choque na economia boliviana, que reduziu a inflação de 24.000% em 1985, para 10,7% no ano passado, não poderiam motivar o Brasil a adotar medidas semelhantes, Sarney respondeu que "cada país tem sua peculiaridade". Sobre o chamado Plano Primavera, que está sendo adotado na Argentina, o presidente foi lacônico: "A Argentina tem suas peculiaridades e nós temos as nossas peculiaridades".

O governo brasileiro, segundo o presidente, continuará a combater as cau-

sas estruturais da inflação, que no último mês atingiu a marca dos 24,04%. Assim, ele ratificou as medidas governamentais de redução do déficit público. Nós temos de atacar as causas estruturais da inflação. Sabemos que isso demanda tempo e tem um custo político alto", reconheceu Sarney. "Não é fácil, é muito difícil, mas também os resultados são mais definitivos." A expectativa do presidente é fechar o próximo ano com um déficit de 2% do Produto Interno Bruto (PIB), contra os 4% previstos para este ano.

Ainda esta semana, o presidente deverá anunciar os novos nomes que comporão os ministérios vagos desde a quinta-feira passada — Cultura, Reforma Agrária e Ciência e Tecnologia. Ontem, ainda no aeroporto de El Alto, em La Paz, o senador Odacir Soares, do PFL de Rondônia, confirmou informações de assessores da Presidência de que havia sido consultado por Sarney para ocupar a pasta da Reforma Agrária. Soares, contudo, assinalou que ainda não havia tomado qualquer posição.

O presidente também se mostrou preocupado com as ameaças de retaliação anunciadas pelo governo dos Estados Unidos, como represália pela postura brasileira de não reconhecer patentes de produtos farmacêuticos. Para ele, as ameaças dos Estados Unidos não são só desproporcionais, mas foram injustas, "ferindo leis e acordos fundamentais que temos na área do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT)".

"Não se muda de política como se muda de roupa"

ST
NS
por Elaine Lerner
de Brasília

O ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, e o ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, negaram, ontem, a possibilidade de aplicação de um choque na economia brasileira. "Quem propaga isso está interessado em ter ganhos. São especuladores, que, na verdade, auferem lucros com esses movimentos econômicos", explicou Costa Couto, admitindo, apenas, "que a política de combate à inflação, que baliza a atuação interna e externa, poderá sofrer ajustes conjunturais. Mas a essência será mantida". "Não existe nenhum 'pacote' econômico. É pura invenção. Não existe qualquer estudo de combate artificial da inflação", disse Nóbrega.

"Segundo Costa Couto, o presidente José Sarney, que ontem retornou de sua viagem à Bolívia, "tem claro que não se muda de política econômica como se muda de roupa". O porta-voz da Presidência da República, Carlos Henrique de Almeida Santos, lem-

brou que "não se pode interromper a cada três meses o processo em vigor à procura de outros caminhos e outros experimentos". Para ele, "o que é preciso é acreditar no que está sendo feito e, pela persistência, chegar aos resultados".

Segundo o ministro da Fazenda, esses resultados estão chegando, "mas isso leva tempo, é preciso paciência. Estamos no fio da navalha".

Assim como Costa Couto e Almeida Santos, o ministro da Fazenda garantiu que não existe qualquer estudo para adoção do redutor proposto pelo ex-ministro Mário Henrique Simonsen. "As sugestões que o ministro Simonsen ofereceu foram examinadas pela área econômica, assim como outras, entre as quais o diálogo entre empresários e trabalhadores", complementou Almeida Santos.

O ministro-chefe do Gabinete Civil acredita que a inflação do mês de agosto deverá ficar aquém de 22% (em julho ela foi de 24,04%).